

CRUZEIRO

v. 02 n. 02

jul.-dez. 2025

USP



fels
edições

CONSTELAÇÕES DE SENTIDOS EM TERRITÓRIOS CONTEMPORÂNEOS

A semiótica, compreendida como teoria dos signos e das linguagens, possui uma inegável vocação para o escrutínio crítico e interpretativo de múltiplas expressões sógnicas. Onde houver signos e manifestação de linguagem, lá deverá estar a semiótica, estabelecendo interfaces com as artes, a moda, a tecnologia e o direito. No Brasil, esta vocação consolidou-se em uma indissociabilidade entre a teoria semiótica e o campo da comunicação, revelando-se um instrumento analítico poderoso que oferece rigor metodológico e densidade reflexiva às investigações.

A revista *Cruzeiro Semiótico*, no segundo número do seu segundo volume nesta nova fase digital, reafirma o seu papel como uma “constelação de projetos científicos que se entrecruzam” tendo por elemento de amálgama a própria semiótica. Se os números anteriores se dedicaram ao resgate de tesouros do pensamento semiótico analógico para lhes dar sobrevida no ambiente digital, esta edição se concentra na expansão e na abertura da semiótica junto aos dilemas e aos paradoxos de altíssima complexidade do nosso tempo. Os artigos aqui reunidos percorrem caminhos que vão da cultura material da moda à opacidade dos algoritmos, da representação histórica do corpo amazônico ao trauma do exílio na literatura palestina.

Abrimos este número com “A semiótica da saia: moda, literatura e música brasileira”, de Clotilde Perez e Bruno Pompeu, que anunciam assim: “discutiremos a saia na cultura brasileira através da canção. Serão analisadas as relações entre a saia e a mulher, da roupa típica de baiana ao traje da mulher ‘livre’, saia e dança, saia e roda, saia e natureza, saia e sensualidade, saia e ritualidade, saia e ancestralidade, além da ambiguidade entre sedução, vulnerabilidade, poder e autoconfiança”. O texto articula as investigações sobre cultura material e consumo, moda e literatura, tendo a semiótica de Charles S. Peirce como fundamento. Através da análise da saia como signo, os autores exploram a sua presença polifônica na canção brasileira — de Dorival Caymmi à chamada moderna MPB, passando pela Bossa Nova —, discutindo as suas potencialidades de geração de interpretantes relacionados com a sensualidade, a ritualidade e a ancestralidade.

Na sequência, mergulhamos nas complexidades do capitalismo de vigiância, com o artigo de Fernando R. Contreras, “Semiótica do poder informacional em plataformas digitais: uma abordagem a partir de Peirce”. O autor utiliza as categorias propostas pelo autor para desvendar as ideologias subjacentes ao controle algorítmico da informação. O estudo demonstra como o interpretante, no cenário digital, é gerado automaticamente por modelos de inteligência artificial, resultando

em aspectos complexos e problemáticos de nosso tempo. Diz o autor, por exemplo, que “a semiótica peirceana oferece uma perspectiva única para investigar o capitalismo de vigilância: um sistema que depende fortemente da manipulação de dados pessoais e sua interpretação por meio de imagens e sinais”.

Ainda no domínio das mediações digitais, Eneus Trindade, Daniel Zimmermann, Karla Meira e Sara Barbosa apresentam “Agenciamentos publicitários em plataformas e aplicativos: semiopragmática nas perspectivas das intencionalidades de suas etapas metodológicas de análise”. O trabalho propõe um quadro teórico-metodológico para sistematizar a lógica publicitária nas interações entre marcas e consumidores. Inspirados nas ideias de Umberto Eco, os autores discutem como os espaços de produção, da circulação e da recepção em ambientes digitais geram vestígios que demandam métodos híbridos de análise. Em texto de alta densidade, dizem assim os autores: “as interações devem ser consideradas também como discursos e produtoras de sentidos, deste modo as técnicas selecionadas para observar a interpretação dos usuários-consumidores não podem perder de vista que o olhar é sempre de um ponto de vista do lado interacional, haja vista que essas práticas culturais também são práticas de linguagens configuradoras de sentido”.

O olhar volta-se depois para o território e para a história, em “Aos olhos de Judas: semiótica e imagem na Amazônia”, de Maurício Zouein. O autor investiga o “símbolo germinal” que estruturou a representação imagética dos corpos indígenas em gravuras do século XVI, como as de Hans Staden, e como esse enquadramento reverbera na constituição contemporânea do corpo amazônico como imagem fetichizada e exótica. Através do conceito de sinequismo, Zouein demonstra a continuidade interpretativa que converte a alteridade em categoria de consumo simbólico. Conclui, entre outras reflexões propostas, que “o símbolo germinal não impõe por necessidade material (analógico ou virtual), mas por probabilidade mental. A lei da mente não é absoluta como a lei física; ela torna certas interpretações mais prováveis”.

Encerramos este número com a sensibilidade de Roseli Gimenes em “Ícones do exílio, índices do trauma, símbolos e disputas culturais: uma leitura de *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani”. A autora utiliza a semiótica triádica para analisar como a literatura palestina representa o conflito sociopolítico e a condição do exilado. Corpos deslocados tornam-se índices do trauma, enquanto o silêncio final da narrativa de Kanafani é interpretado como um símbolo poderoso da desumanização e da negligência política. “A literatura atua não apenas como representação narrativa, mas como campo dinâmico de negociação simbólica em que signos como ícones,

índices e símbolos se entrelaçam para expressar e problematizar a experiência de exílio, deslocamento e luta por pertencimento”.

Este número da *Cruzeiro Semiótico* é, portanto, um convite ao exercício permanente da busca pelo significado no cotidiano e na cultura. Que o leitor, ao percorrer estes artigos, compreenda o valor dos muitos frutos que a semiótica continua a oferecer e se sinta instigado a semear novas possibilidades investigativas perante os desafios do presente e do futuro.

Boa leitura!

BRUNO POMPEU

São Paulo
Dezembro de 2025

COMO CITAR

CÓMO CITAR

POMPEU, Bruno. Editorial. *Cruzeiro Semiótico*, São Paulo, v. 2, n.2, p. 1-4, jul.-dez., 2025.

